
PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

**REVISTA DE GEOGRAFIA
(UFPE)**

www.ufpe.br/revistageografia

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

O MODELO DO CICLO DA DESTINAÇÃO (REGIÃO) TURÍSTICA: UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nilson Cortez Crocia de Barros¹

¹ Prof. Titular Universidade Federal de Pernambuco. Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife - PE
- CEP: 50670-901. Email: nccrocia@yahoo.com.br

Artigo recebido em 09/02/2013 e aceito em 09/02/2014

RESUMO

O artigo apresenta uma revisão bibliográfica do largamente conhecido modelo do ciclo da destinação. Ele examina alguns dos aspectos mais criticados no modelo, assim como a sua característica mais positivamente reconhecida, a sua capacidade unificadora das variáveis.

Palavras-chaves: turismo, ciclo de destinação, geografia do turismo

THE DESTINATION CYCLE MODEL (REGION) TOURISM: A BRIEF LITERATURE REVIEW

ABSTRACT

The paper provides a bibliographical revision of the well known destination life cycle model. It examines some of the most criticized aspects of the model as well as its most celebrated virtue, namely, its unifying property.

Keywords: tourism, destination cycle, tourism geography

INTRODUÇÃO

O espalhamento do turismo pelo litoral do Nordeste do Brasil fez com que, por sobre áreas antes de escassa utilização produtiva, tivesse lugar uma expansão da *fronteira de serviços* de lazer, entretenimento e acomodações. Ao longo deste litoral existem consideráveis secções de área que exibem estoques de capital natural que, efetivamente, se tornaram *fronteiras de recursos* interessantes aos empreendedores do setor. As *frentes* tornaram-se destinações, *resorts* ou regiões turísticas com suas centralidades locais de serviços nas povoações preexistentes, como Porto de Galinhas (PE), Pipa (RN), e tantas outras. Propagou-se assim a urbanização turística, uma variedade de expansão urbana bem identificada por Stansfield (1970). Não obstante as destinações tenham as suas peculiaridades, elas também, ao longo dos seus desenvolvimentos, exibem traços comuns a umas e a outras. Esta evidência estimula e alimenta as reflexões sistemáticas da Geografia do Turismo acerca das propriedades gerais da ontologia dos *resorts*, que é a motivação central para o presente trabalho.

A abordagem geográfica sistemática da função turística e o modelo do ciclo das destinações ou regiões

O período compreendido entre o final dos anos de 1960 até os primeiros anos da década de 1980 registrou grande criatividade e efervescência nas análises espaciais ou sistemáticas do turismo (PEARCE, 2003, p.29,55; LAZZAROTTI, 2002, 140-141). Exemplos representativos da ebulição são os trabalhos de Yokeno (1968), Mariot (1969), Thurot (1973), Plog (1973), Miossec (1976), Butler (1980), e os de Lundgren (1982, 1984), para mencionar apenas alguns deles. Foi, realmente, o período de lançamento de obras influentes no desenvolvimento da Geografia do Turismo (HALL;PAGE, 2000, p.6).

Embora no começo dos anos de 1990 os estilos de pesquisa em turismo começam a revelar o que se poderia chamar de “*multiplicidade de direções*” (LOZATO-GIOTART, 1993, p.263) – com estudos numerosos no campo do planejamento turístico e participação social, por exemplo (ARAUJO, 2012; ARAUJO, BRAMWELL, 2002) –, os procedimentos revisionais de pesquisa não deixaram de abordar, reapreciar e incorporar com ênfase as contribuições teóricas daqueles anos mais lógico-positivistas da Geografia do Turismo aos novos fluxos temáticos. Os desenvolvimentos na Geografia do Turismo, ao final dos anos de 1990, estruturados em torno de conceitos básicos como efeito-distância, centralidades, polaridades, centro-periferia e acessibilidade, circulação – aspirados, portanto, do acervo teórico consolidado da Geografia – indicavam que uma realidade urbana emergente estava a desafiar o acervo instrumental da análise espacial urbana tão bem sucedida nos anos de 1950 e 1960.

O modelo de Butler (1980) da dinâmica da região turística, que é revisado a seguir no presente artigo, tem exercido importante papel nesta estruturação teórica e sistemática (HALL; PAGE, 2000, p.6). Tal modelo é inspirado na idéia do ciclo do produto (*marketing*) e utiliza uma metáfora ecológica que se revelou útil nas análises de sustentabilidade induzidas pelo imperativo ambiental, análises que vieram a se tornar influentes nos anos finais do século 20.

A análise cíclica de longo prazo da região ou destinação turística

É um dos modelos mais influentes em Geografia do Turismo, dentre outros que oferecem tipologias evolutivas ou temporais para as destinações. Levando-se em conta a classificação de Coltman para os ciclos – ciclo curto ou sazonal, ciclo de média duração, e ciclo de longo prazo ou de tendência -, o modelo do ciclo dos *resorts* ou destinações ou zonas turísticas em foco encaixa-se na categoria dos modelos cíclicos de tendência ou de longo prazo (COLTMAN, 1989, apud GONÇALVES; AGUA, 1997, p.12). No modelo, a destinação é identificada como uma *área*, que é uma porção do espaço geográfico definida como região pelo critério do domínio funcional do turismo (GOMES, 1995; LENCIONI, 2003). O conceito de região é utilizado para circunscrever territorialmente o assentamento – ou “*lugar turístico*” na denominação de Cruz (2003, p.13) – que vai ser submetido à análise tipológico-evolutiva ou temporal.

O modelo encerra a idéia de que o espaço geográfico é regionalizado e se altera – é produzido – por processos, no caso, comandados pelo sistema cultural dos serviços. Entre outros, Turner e Ash (1976, p.12) observaram que estas destinações (regiões) periféricas estavam permanentemente em mudança, possuíam uma ontologia bem dinâmica. A periferia turística ia se ampliando – que numa linguagem geográfica significaria estar produzindo novas regionalizações – mediante a criação de muitas novas destinações ou regiões turísticas que entravam em processo de desenvolvimento; outras, entretanto, estagnavam, e outras conseguiam renovar-se, etc. Os efeitos ambientais se revelavam severos, e viu-se que o turismo também poderia até mesmo ser entendido, embora com controvérsias, como uma atividade ‘extrativa’, vez que “...*opera se apropriando dos recursos ambientais para transformá-los e vendê-los*” (GARROD; FYALL, 1998, p.199), tal como a exploração de madeira, a pesca, etc.

Algumas análises de destinações inspiradas no modelo procuram mesmo por foco nas alterações acontecidas nos recursos naturais ao longo das fases, como Hernandez e Leon (2007) acerca das condições ambientais na fase da pós-estagnação, quando os esforços podem se voltam para a recuperação ambiental do *resort* visando o seu rejuvenescimento e abrindo-lhes esperanças para que escape ao declínio.

As etapas teóricas do ciclo da destinação

A destinação – região turística – tem sua ontologia descrita em etapas ou fases ou estágios sucessivos teóricos. A destinação apresentaria uma seqüência de seis fases: 1) *fase da exploração*, 2) *fase do envolvimento*, 3) *fase do desenvolvimento*, 4) *fase da consolidação*, 5) *fase da estagnação e, finalmente, a última etapa: 6) a fase do declínio ou a do rejuvenescimento da destinação*.

Muitos estudiosos já haviam percebido que as destinações iam experimentando mudanças ao longo do tempo. Likorish & Kershaw (1958, apud CHOY, 1992, p.26) descreveram a tendência à substituição dos visitantes ricos pelos visitantes da classe média à proporção que a destinação tornava-se mais antiga; finalmente, a destinação acabava dominada pelos pobres em renda, e a região-produto já não era mais aquele “produto” que existira na fase inicial. Observações similares estão nos trabalhos de Christaller (1963, apud BUTLER, 1980, p.5), Plog (1973) e Stansfield (1970), entre outros. A idéia básica é que existe uma sucessão diferencial de visitantes (consumidores da destinação) e Butler sistematiza esta idéia inspirando-se no conceito de ocupação seqüencial de D. Whittlesey (1929), tal como o observou Johnston (2001, p.5). A metáfora é a da competição ecológica (invasão e sucessão) pelo espaço urbano-turístico entre espécies (no caso, ‘espécies’ de turistas), abordagem reconhecidamente clássica na ecologia urbana e associada à Escola de Sociologia de Chicago (ENTRIKIN, 1980). A população dos visitantes (os consumidores turísticos) e o meio geográfico (a destinação) estão em foco.

Butler argumenta existir um processo *acumulativo* no espaço ao longo da evolução de da área turística. Quer dizer, o que vai acontecendo na destinação irá, cumulativa e organicamente, estruturar-se espacialmente e atuar posterior e incessantemente na definição do caráter do lugar turístico, afetando o futuro da destinação. Tal como em toda reunião de objetos materiais e relações sociais, uma destinação possui origem, desenvolvimento e decadência. O modelo de Butler, portanto, se suporta nas idéias ecológicas da dinâmica de populações (WILKINSON, 1996, p.17) associadas à ecologia regional ou da paisagem.

Críticas à tipologia das fases de evolução da região turística

Em torno do modelo rondam muitas críticas, e dentre elas são numerosas aquelas dirigidas à seqüência proposta das fases para o desenvolvimento da destinação. O próprio Butler admite que, no caso de o turismo ter se difundido por áreas onde não havia assentamento humano anterior ou em que este assentamento era de pequena importância, não faria sentido considerar os dois primeiros estágios da evolução, isto é, o da exploração e o do envolvimento (BUTLER, 1980, p.11). Observe-se que foi

inspirado justamente nos sistemáticos estudos feitos por Noronha (1976) no seu célebre trabalho para o Banco Mundial – cuja agência BID financia o Prodetur – que Butler se baseou para evidenciar os limites da sua própria proposta.

Outro crítico das fases argumenta com o exemplo empírico das Ilhas Salomão: aparentavam estar no início do desenvolvimento, mas na realidade já estavam provavelmente ingressando num “*estágio modificado de declínio*” (DOUGLAS, 1997, p.17). Ou seja, muitas fases propostas eram irreconhecíveis para certas destinações. E mais: esta “amputação” de fases seria bem mais comum do que se pensava. Papua Nova Guiné, por exemplo, havia passado dos “*primeiros momentos de evolução*” para um claro declínio desde 1973 (DOUGLAS, 1997, p.17). Para alguns, o comportamento do desenvolvimento das destinações coincidiria com o modelo apenas em poucos casos, e então não se deveria esperar muito da sua capacidade preditiva (COOPER, 1994, p.344, apud WILKINSON, 1996, p.23).

Diante de tanta controvérsia, então, como seria possível identificar a fase na qual estaria uma determinada região turística? Agarwal lamentou que o modelo de Butler não oferecesse indicadores claros para que a pesquisa sobre uma determinada destinação pudesse identificar com clareza quando a mesma se movia de uma fase a outra. Melhor seria, afirmou, que o modelo atribuísse mais valor aos momentos de superposição (*overlapping*) entre as fases que se sucedem (AGARWAL, 1997, p.69,70,71) que às fases separadas propriamente ditas.

Intervenções funcionais de origem externa ou interna, tais como a introdução de novas atrações – casas de shows, marinas, instalações esportivas, museus, casas de jogos, etc – podem lançar a destinação em novo ciclo a ponto de alterar toda a lógica da sequência das fases do ciclo anterior. Investimentos em novas atrações, nas destinações, é estratégia comum em velhas destinações, inclusive na Europa Mediterrânea (CHALKITI, 2007, p.163), para conferir sustentabilidade às antigas destinações de massa. Pode-se supor que estas novas atrações poderiam mesmo criar uma situação nova de fases, o que cortaria os vínculos lógico-sequenciais do quadro atual da destinação com a sua história prévia (CHOY, 1992, p.29). O modelo de Butler falharia, nestes casos, em identificar as fases. Poder-se-ia perguntar: estaríamos diante de um novo ciclo com novas fases, ou ainda diante do mesmo antigo ciclo renovado (CHOY, 1992, p.29)?

As controvérsias prosseguem. Uma vez que seu foco é a população dos visitantes, já foi perguntado o seguinte: o ciclo da destinação, com as suas fases, seguiria uma mesma curva para todos os grupos de turistas oriundos dos diferentes mercados que, ao longo do tempo, se vão sucedendo em uma mesma região turística ou destinação? Moore & Whitehall, utilizando modelos estatísticos (Markov), concluíram que, no caso de Barbados, o modelo da curva em forma de S, de Butler, oferece

uma boa imagem para a chegada de turistas no período 1957-2002, mas apenas para determinados mercados emissores, não todos. Entretanto, não se poderia dizer que o mesmo comportamento da curva seria válido para os turistas advindos de todos os mercados emissores que chegaram à destinação (MOORE; WHITEHALL, 2005, p.112).

Não obstante todas as críticas que possam ser feitas ao modelo do ciclo e sua lógica evolucionária, analistas em geral – inclusive aqueles muito críticos do modelo – reconhecem seu notável valor e influência, o que se expressa por massivas discussões e reedições de trabalhos (BUTLER, 2006; TSIKALI, 2008). Por exemplo, Agarwal sugeriu – quando se tratasse de se pensar o que fazer para reestruturar uma destinação – que se tivesse sempre em mente a fase do ciclo na qual a destinação se encontrava (AGARWAL, 2002, p.48-49), contrariando críticas feitas 5 anos antes.

O MODELO E A SUA TELEOLOGIA

Há aqueles que acusam o modelo de Butler de oferecer uma interpretação naturalista (positivista) e fatalista para o desenvolvimento das destinações, por conta do claro parentesco da sua proposta com os estudos de eco-dinâmica das populações não humanas. O estilo do modelo de Butler tem então gerado reações nos círculos acadêmicos influenciados pelo relativismo, culturalismo e pelo criticismo deconstrutor. Argumentam certos autores que o modelo seria reforçador das visões deterministas dos processos sociais e ambientais, naturalizando ou propondo uma lei para o comportamento social global de uma destinação turística.

Segundo estes argumentos, o modelo do ciclo representaria uma proposta teórica que estava a produzir uma desvalorização dos indivíduos como agentes sociais capazes de reagir à evolução dos acontecimentos na destinação. As pessoas, segundo os críticos, não estariam sendo figuradas no modelo como agentes capazes de interferir nas situações em busca da sustentabilidade da destinação. O modelo imaginaria ou modelaria o turismo, segundo Franklin & Crang, como se o turismo fosse “*um fenômeno cultural constante*”, gerando-se, segundo Picard (1996, p.104, apud FRANKLIN; CRANG, 2001, p.7), um “*esquema conceitual coercivo*” (FRANKLIN; CRANG, 2001, p.7).

Existem, evidentemente, diversos modelos de natureza evolucionária aparentados com o de Butler¹; mas foi o seu modelo que acabou se tornando, segundo Franklin & Crang (2001, p.7), o “*modelo vilão*”. No geral, tais críticas partem dos chamados estudos culturais críticos e deconstrucionistas que se propagaram nos anos de 1990. Porém, faz sentido refletir sobre a dimensão ético-social da linguagem e da lógica sequencial proposta no modelo. Pode-se perguntar por que,

¹ Entre outros, os propostos por Noronha (1979, p.9) e por Albuquerque & McElroy (1992), estes dois últimos oferecendo uma versão para o modelo de Butler (WILKINSON, 1996, p.17-22).

justamente quando as populações locais do entorno de uma destinação passam a dominá-la e consumi-la com suas visitas de um dia diz-se, então, que a destinação está *decadente*? Mas, qualquer resposta que se ofereça, ela nunca poderá ser positiva, e servirá apenas para arremessar mais papel alimentando a fogueira da controvérsia.

Por hipótese, não seria apenas uma verdade ontológica positiva, externa e objetiva que explicaria tal linguagem presente no modelo, mas as projeções das preferências dos segmentos de consumo turístico, preferências que ecoam nos processos técnicos e científicos de estruturação das representações teóricas.

CRÍTICAS À MINIMIZAÇÃO DAS RELAÇÕES EXTRA-REGIONAIS

Muito criticada no modelo é a desigual atenção que ele confere aos fatores externos e internos na moldagem evolutiva da destinação/região. O desequilíbrio, quer dizer, a muito maior ênfase na análise dos fatores orgânicos internos, induziria o pesquisador à subapreciação do ambiente dos fatores culturais, sociais, políticos e econômicos externos (as relações extra regionais), dizem seus críticos. Se revelaria uma desatenção àquilo que Massey denomina multiplicidades contemporâneas (MASSEY, 2005, 148). Agarwal, um destes críticos, afirmou que mudanças em um dos fatores externos² – mudanças de fato imprevisíveis – seriam o bastante para afetar o ciclo teórico da destinação, negando-se, em função disto, a capacidade do modelo de antecipar a trajetória da região turística (AGARWAL, 1997, p.66-7). Em revisão, Agarwal postula que o desenvolvimento da destinação é resultado do encontro entre as condições internas e as condições externas à mesma (AGARWAL, 2002, 48), ponto de vista compartilhado por COLE (2007), que chama atenção para a influência do fenômeno geralmente tratado como globalização (WAHAB, COOPER, 2001).

Os fatores externos ou internos podem injetar ou transferir ou conceder novas energias a uma destinação turística ou, ao contrário, arrastá-la ao declínio. Resulta que novas pesquisas são sempre necessárias para investigar as fontes internas e externas intervenientes na dinâmica das destinações (AGARWAL, 2002, p.48). Quanto à influência dos fatores internos nas características das fases evolutivas de uma região turística, foi observado por Barros (2002, 2003, 2005, 2009, 2013) que, sob as condições geográficas da ampla disponibilidade de terras (recursos naturais), o fenômeno da

² Entre estes fatores externos: comportamento das taxas de câmbio, crises econômicas nas zonas de emissão de turistas, eventos de subversão da ordem e instabilidade políticas (terrorismo, guerrilha, xenofobia, crime organizado, insegurança), surgimento de destinações competitivas, instabilidades gerenciais nas políticas públicas, iniciativas empresariais, ação de organismos multilaterais de investimentos, eventos climáticos, geológicos, graves distúrbios ecológicos e epidemiológicos, etc.

extensividade ou espraiamento das funções de hospedagem pode vir a amplificar ou prolongar a *fase de desenvolvimento* levando-a a superpor-se com a *fase de consolidação*.

A VALORIZAÇÃO DA PROPRIEDADE UNIFICADORA DO MODELO DE CICLO

Aqui reside, talvez, o lado mais convincente da utilidade do modelo para pesquisas abrangentes acerca das destinações turísticas. São numerosas as simpatias ao modelo como um conceito unificador do desenvolvimento turístico regional, especialmente quando se pode proceder a análises de *longa duração*. Para Cooper (1994), o modelo é útil como “*conceito descritivo unificador*” do desenvolvimento de uma destinação, permitindo ao pesquisador considerar, de maneira integrada, diferentes fatores que influenciam esta dinâmica, mesmo que a maioria das destinações apresente desenvolvimento divergente da previsão evolucionária teórica ou geral.

Similarmente, Agarwal considera o modelo de Butler uma estrutura conceptual descritiva útil; ela permitiria identificar os agentes e os processos atuando em uma destinação particular. Hovinen reconheceu – acompanhando Agarwal e Cooper, antes referidos – que o modelo é uma ferramenta compreensiva e útil à descrição e à interpretação da dinâmica das localidades turísticas (HOVINEN, 2002, p.227-228). Em conseqüência, o modelo induz e ampara teoricamente esforços multi-instrumentais de planejamento estratégico importantes para dar sustentabilidade às destinações (HOVINEN, 2002, p.227-228; AQUILÓ et al., 2005, p.19), mesmo que ele reconhecidamente espelhe de maneira deficientemente o desenvolvimento das mesmas.

Em direção contrária, existem simpatias à capacidade preditiva do modelo, e daí as controvérsias continuarem. Apesar de tão abstrato, o modelo apresentaria utilidade prática no campo do planejamento e gerenciamento nas zonas turísticas, como indicado antes. Segundo Jennings (2004, p. 899), em função do preço que a terra e as construções vão adquirindo à proporção que uma destinação se consolida, as medidas de planejamento ambiental seriam menos custosas e mais efetivas fossem elas tomadas antecipadamente, isto é, nas fases iniciais da flexivelmente prevista dinâmica evolutiva da destinação segundo o modelo do ciclo.

E não são poucos, como Russel Smith, os que não aceitam que existam tantas diferenças assim entre o modelo e as experiências reais do desenvolvimento das destinações turísticas. Em seu trabalho sobre a destinação litorânea de Pattaya, na Tailândia, Smith entende – contrariamente àqueles que duvidam da capacidade de previsibilidade do modelo – que os efeitos de deterioração da destinação, à proporção que a urbanização turística se expandia, não estavam a negar as proposições gerais de evolução em fases (SMITH, 1992, p.318).

Deve-se, finalmente, expor que Butler, em 1980, nunca pensou em postular – para todas as regiões turísticas do globo – uma evolução fatal e uniforme. O modelo seria de natureza hipotética, sugestiva, uma referência teórica, não um destino positivo para todas as destinações. Em 2009, Butler ofereceu uma apreciação dos modelos de previsão de desenvolvimento das destinações turísticas, especialmente do seu modelo, usando a analogia do ciclo da vida. Observou que as dificuldades de prever as trajetórias dos *resorts* são muitas, e naturalmente elas persistem. Haveria muitas dicotomias, como as tensões entre crescimento e inércia, resultando que se está longe das previsões mais acuradas. Conclui pela simpatia em relação a combinações de modelos evolucionários e inovadores nos esforços de previsão, inclusive por idéias como a de caos (BUTLER, 2009). A propósito, exemplo de leitura caótica do desenvolvimento das destinações é exposta no trabalho de COLE (2009).

CONCLUSÕES

O modelo do ciclo das destinações ou regiões turísticas, sendo o mais influente dos modelos evolutivos, compreensivelmente foi submetido a severas apreciações revisionais suportadas em estudos empíricos realizados em diferentes contextos espaciais e temporais.

Apesar de todo o volumoso criticismo construído em torno do modelo, ele é uma referência central nas análises dedicadas ao estudo sistemático da dinâmica das destinações e continua a suscitar um ininterrupto, fluente e variado espectro de discussões produtivas sobre a ontologia das regiões turísticas. Embora a seqüência teórica das fases, a certa minimização das relações extraregionais e a natureza algo teleológica no modelo figurem como os três pontos mais atacados do modelo, existe reconhecimento, inclusive entre os seus críticos, que a representação seqüencial proposta por Butler oferece eficiente ferramenta teórica unificadora ou integradora das propriedades da região turística em sua dinâmica, auxiliando assim na organização dos trabalhos empíricos de diagnóstico e construção de cenários prospectivos para as destinações ou regiões turísticas. Assim, o modelo continua a ocupar uma posição proeminente no acervo teórico de suporte aos estudos acadêmicos e de *consultancy* sobre os ambientes cada vez mais competitivos das destinações e investimentos turísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGARWAL, Sheela. The resort cycle and seaside tourism: an assessment of its applicability and validity. *Tourism Management*, v. 18, n. 2, p.65-73, 1997.

- AGARWAL, Sheela. Restructuring seaside tourism: the resort lifecycle. *Annals of Tourism Research*, v. 29, n. 1, p. 25-55, 2002.
- AQUILLÓ, E.; ALEGRE, J. e SARD, M. The persistence of the sun and sand tourism model. *Tourism Management*, v. 26, n. 1, p. 219-231, 2005.
- AITKEN, C. ; HALL, M. Migrant and foreign skills and their relevance to the tourism industry. *Tourism Geographies* 2(1):67-86, 2000.
- ALBUQUERQUE, K.; McELROY, J. Caribbean small-island tourism styles and sustainable strategies. *Environmental Management*, v. 16, n. 5, p. 619-632, 1992, cit. In: WILKINSON, 1996, op.cit.
- ARAÚJO, L. Políticas públicas de turismo e território em regiões periféricas emergentes. In: CASTILHO, C.; SELVA, V. eds. *Turismo, políticas públicas e gestão dos ambientes construídos*. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2012, p.53-72.
- ARAÚJO, L.; BRAMWELL, B. Partnership and regional tourism in Brazil. *Annals of Tourism Research*, v. 29, n. 4, p. 1138-1164, 2002.
- BARROS, N. de. Seaside tourist destination area in North East Brazil. Paper presented at the Annual Meeting of the *Associação dos Geógrafos Americanos (AAG) LA*, 2002b.
- BARROS, N. de . O rejuvenescimento da região turística por expansão geográfica e redistribuição territorial das funções: a destinação turística de Pipa, litoral do Nordeste do Brasil. *Revista Geográfica, Instituto Panamericano de Geografia e História, México*, n.133, p.73-90, 2003.
- BARROS, N. Expansão turística, dinâmica espacial e sustentabilidade das destinações no litoral do Nordeste do Brasil. *Turismo: visão & ação, Camboriú*, v. 7, n.2, p. 241-256, 2005.
- BARROS, N. Por que as destinações turísticas no Nordeste do Brasil não declinam: uma interpretação geográfica. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- BARROS, N. Identificação de alterações nas características demográficas da população local ao longo do desenvolvimento da região turística: relações entre análises geográficas do turismo e da população no Município de Tibau do Sul, Estado do Rio grande do Norte. Brasília: Relatório Técnico de Pesquisa ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), , 2013.
- BUTLER, R. W. The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources. *Canadian Geographer*, v.24, n. 1, p. 5-12, 1980.
- BUTLER, R. W. ed. *The tourism area life cycle: applications and modifications*. Clevedon, England: Channel View Publications, volume 1, 2006.
- BUTLER, R. Tourism in the future: Cycles, waves or Wheels? *Futures*, 41(6): 346-352, 2009.
- CHALKITI, K. Coastal Mass Tourism: diversification and sustainable development in Southern Europe. *Tourism: an international Multidisciplinary Journal of Tourism*, v.2, n.1, 2007, pp.163-166.

- CHOY, D. Life Cycle Model for Pacific Islands Destinations. *Journal of Travel Research*, v. 30, p.26-31, 1992.
- CHRISTALLER, W. Some considerations of tourism location in Europe. *Regional Science Association papers*, n. 12, 1963, cit in: BUTLER, 1980, op.cit.
- COLE, S. Beyond the Resort Life Cycle: the micro-dinamics of destination tourism. *Journal of Regional Analysis & Policy*, 37(3) :266-278, 2007.
- COLE, S. A logistic tourism model: resort cycles, globalization and chaos. *Annals of Tourism Research*, 36(4): 689-714, oct. 2009.
- COLTMAN, M. M. *Introduction to Travel and Tourism*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1989, cit. in: GONÇALVES & ÁGUAS, 1997, op.cit.
- COOPER, C. The destination life-cycle: un update. In: SEATON, A.V., JENKINS, C.L. at al., eds. *Tourism: the State of the Art*. Chichester, West Sussex: John Wiley & Sons, 1994, p.340-346, cit. in: WILKINSON, 1996, op. cit.
- CRUZ, R. C. *Introdução à Geografia do Turismo*. São Paulo: Roca, 2003.
- DEFERT, P. Le Taux de Fonction Touristique: mise au point et critique. *Cahiers du Tourism*, C-13, CHET, Aix-en-Provence, cit por PEARCE, 1991, .
- DOUGLAS, N. Applying the life-cycle model to Melanesia. *Annals of Tourism Research* , v. 24, n. 1, p. 1-22, 1997.
- ENTRIKIN, J. Robert Park's human ecology and geography. *Annals of The Association of American Geographers*, 70, p.615-632, 1980.
- FRANKLIN, A. ;CRANG, M. The trouble with tourism and travel theory? *Tourist Studies*, v.1, n.1, p.5-22, 2001.
- GARROD, B.; FYALL, A. Beyond the rhetoric of sustainable tourism? *Tourism Management*, v. 19, n. 3, p.199-212, 1998.
- GOMES, Paulo. O conceito de Região e sua discussão. In: CASTRO, I.; GOMES, P. ;CORREA, R. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995, pp.49-76.
- GONÇALVES, V. ; ÁGUAS, P. The concept of life cycle: an application to the tourist product. *Journal of Travel Research*, v. 36, n.2, p. 12-22, 1997.
- HALL, C. ; PAGE, S. *The Geography of Tourism and recreation: environment, place and space*. London: Routledge, 2000.
- HARRISON, L; HUSBANDS, W. eds. *Practicing responsible tourism: international case studies in Tourism planning, policy and development*. New York: John Wiley & Sons, 1996.
- HERNANDEZ, J. ; LEON, C. The interactions between natural and physical capitals in the tourist lifecycle model. *Ecological Economics*, 62 (1), april 2007, p.184-193
- HOVINEN, G. Revisiting the destination lifecycle model. *Annals of Tourism Research*, v. 29, n.1, p. 209-230, 2002.

- JENINGS, S. Coastal tourism and shoreline management. *Annals of Tourism Research*, v. 31, n.4, p. 899-922, 2004.
- JOHNSTON, C. Shoring the foundations of the destination life cycle model: part 1 (ontological and epistemological); part 2 (a case study of Khona, Hawai'i Island). *Tourism Geographies*, v.3, n. 1, 2, p. 2-28, 135-164, 2001.
- LAZZAROTTI, O. French tourism geographies: a review. *Tourism Geographies* 4 (2): 135-147, 2002.
- LENCIONI, S. *Região e Geografia*. São Paulo, Edusp, 2003.
- LIKORISH, J. ; KERSHAW, A. *The Travel Trade*. London: Practical Press, 1958, cit. in CHOY, 1992, op.cit.
- LOZATO-GIOTART, J. *Géographie du tourisme*. Paris: Masson, 1993.
- LUNDGREN, J..(1982). The tourist frontier of Nouveau Quebec: functions and regional linkages. *Tourist Review*, v. 37, n.2, p. 10-16, 1982, cit. in: PEARCE,2003, op. cit.
- LUNDGREN, J. Geographic concepts and the development of tourism research in Canada. *GeoJournal*, v.9, n.1, p.17-25, 1984, cit. in: LOZATO-GIOTART, 1993, op.cit.
- MARIOT, P. 'Priestorové aspekty cestovního ruchu a otázky gravitačného zázemia návštevných miest'. *Geographick'ý Casopis*, v. 21, n.4, p.287-312, 1969, cit. in: PEARCE, 2003, op.cit.
- MASSEY, D. *For Space*. London: Sage Publications, 2005.
- MIOSSEC, J. Elements pour une théorie de l' espace touristique. *Les Cahiers du Tourisme*, Aix-en-Provence, n. C 36, 1976, cit. in: PEARCE, 2003, op. cit.
- MOORE, W.; WHITEHALL, P. The tourism area lifecycle and regime switching models. *Annals of Tourism Research*, v. 32, n.1, p. 112-126, 2005.
- NORONHA, R. *Review of the sociological literature on tourism*. Washington: The World Bank, 1976.
- NORONHA, R. *Social and Cultural Dimensions of Tourism*. World Bank Staff Working Paper, Washington DC, n.326, 1979.
- PEARCE, D. *Tourist today: a geographical analysis*. New York: Long. Sc. & Tech., 1991.
- PEARCE, D. *Geografia do Turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens*. São Paulo: Aleph, 2003.
- PICARD, M. *Bali: Cultural Tourism and Tourist Culture*. Singapore: Arquipelago Press, 1996, cit. in: FRANKLIN & CRANG, 2001, op.cit.
- PLANE, D.; ROGERSON, P. *The geographical analysis of population*. New York: J. W. Sons, 1994.

- PLOG, S. Why destination areas rise and fall in popularity. *Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly*, pp.13-16, November 1973.
- SMITH, R. Beach Resort Evolution: Implications for Planning. *Annals of Tourism Research*, n. 19, p 304-322, 1992.
- STANSFIELD, C. The development of modern seaside resort. *Parks and Recreation*, v. 5, n.10, p. 14-17; 43-46, 1970.
- THUROT, J. Les Tourisme tropical Balnéaire: le modele caraibe et ses extensions. Tese apresentada au Centre d'Études du Tourisme, Aix-en-Provence, 1973 cit. In: PEARCE, 2003, op.cit.
- TSIAKALI, K. The tourism area life cycle. *Tourismos: an international Multidisciplinary Journal of Tourism*, v.3, n.1, 2008, pp.200-203.
- TURNER, L. ; ASH, J. *The golden hordes*. New York: St. Martin Pres, 1976.
- WAHAB, S. ;COOPER, C. eds. *Tourism in the Age of Globalization*. London: Routledge, 2001.
- WILLIAMS, A .; HALL, C. Tourism and migration: new relationship between production and consumption. *Tourism Geographies* 2(1): 5-27, 2000.
- WHITTLESEY, D. Sequent Ocupance. *Annals of The Association of American Geographers*, v.19, p.162-165, 1929.
- WILKINSON, P. Graphical Images of the Commonwealth Caribbean. In: HARRISON; HUSBANDS, 1996, p.16-40, op.cit.
- YOKENO, N. La localization de l'industrie turistique: aplicacion de l'analyse de Thünen-Webert. *Cahiers du Tourisme*, C-9, 1968, CHET, Aix-en-Provence.